

PENÍNSULA DE SETÚBAL. A VINHA E O VINHO NA MEMÓRIA DOS HOMENS

O Homem não se lembra do passado, reconstrói-o sempre. Como justifica Lucien Febvre “Ele não conserva o passado na memória, como os gelos do norte conservam (...) os mamutes milenários. Parte do presente – e é sempre através dele que conhece, que interpreta o passado (...). Interpreta. Organiza. Reconstitui e completa as respostas.”¹

Para esse labor, para a compreensão da importância da Cultura vitivinícola em Palmela, intrinsecamente dependente dos factores tempo e espaço, buscamos vestígios, marcas, ainda existentes no território e na memória das gentes.

Partimos da paisagem onde ainda predominam os vastos vinhedos e os caminhos que há muito foram abertos para lhes dar acesso. Perguntamos: Quem são os proprietários da terra? Quem as trabalha e como? Porque se impõe a vinha e quando? E o vinho, quem o produz e distribui?

Na tentativa de responder a estas questões, cruciais ao entendimento da História de Palmela, bem como da Península de Setúbal, não esquecemos as dependências geradas pelo movimento humano de trabalho e pela própria venda do vinho, detemo-nos no estudo das fontes disponíveis. Nesse sentido, estudamos obras de referência nesta temática, por forma a adquirir o melhor enquadramento teórico², bem como documentos legais que nos permitam esse enquadramento, e auxiliamo-nos de um vasto conjunto de documentos existentes em diferentes arquivos institucionais e empresariais, ainda que, infelizmente, poucos se encontrem organizados e disponíveis ao público.³

A arquitectura, a existência de diversos registos escritos, nomeadamente dos notariais, informam-nos sobre a posse e a transmissão da terra, férteis em dados para o conhecimento dos proprietários, ou seja, das elites, presentes muitas vezes na vida política da região, sobre quem a imprensa muito falará.

Para o conhecimento do trabalhador rural, sem registos escritos e materiais que testemunhem o seu percurso, auxiliamo-nos dos escassos vestígios que nos permitam uma leitura das suas vivências. Séries de preços e salários, livros de contas, monografias académicas dos cursos de Geografia e Agronomia, permitem-nos o conhecimento dos factos, aos quais a memória das gentes, recolhida e preservada, dará vida e humanidade.

Como é notado por Marc Bloch “O que aconteceu todas as vezes que houve que fazer-se imperioso apelo à intervenção da História? Surgiu o que é humano(...) O objecto da História é por natureza o Homem. Melhor: os Homens. Por detrás dos traços sensíveis da paisagem, dos utensílios ou das máquinas, por detrás dos documentos escritos (...) são exactamente os homens que a história pretende apreender”⁴ e cujos rostos aqui lembramos, alma e memória do percurso em que vamos... todos!

Cristina Prata

¹ FEBVRE, Lucien - *Combates pela História*, Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 25-26

² Nomeadamente de investigadores como Helder Adegar da Fonseca, Dulce Freire, Conceição Andrade Martins, Nuno Monteiro, Irene Vaquinhas e Maria Antónia Pires.

³ O Ministério da Agricultura não dispõe de um arquivo organizado, e o próprio Instituto da Vinha e do Vinho, ex-Junta Nacional do Vinho, cujo espólio documental é essencial à escrita da História da vinha e do vinho no período contemporâneo, encontra-se em risco de destruição. Tema desenvolvido por Maria da Conceição Freire de Brito, “Acção e património da Junta Nacional do Vinho: 1937-1986”. Lisboa. 2007. Localmente poucas empresas possuem arquivos organizados, sendo a José Maria da Fonseca a mais rica em informação e organização.

⁴ BLOCH Marc - *Introdução à História*, Porto: Porto Editora, 1993, p. 28



Fertilizar um futuro vinhedo, Colónia Agrícola de Pegões – Núcleo das Faias, Montijo, anos 60, do séc. XX. Ministério da Agricultura.
Autor: não identificado



Cava da Vinha, Palmela, 1953. Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa.
Autor: Maria da Conceição Antunes



Lavrar a vinha, Colónia Agrícola de Pegões – Núcleo das Faias, Montijo, década de 60, século XX. Ministério da Agricultura.
Autor: não identificado



Sulfatar a Vinha, Região do Moscatel de Setúbal, década de 50 do século XX.
Instituto da Vinha e do Vinho.
Autor: Joshua Benoliel



Vindima, Região do Moscatel de Setúbal, década de 50, século XX. Instituto da Vinha e do Vinho.
Autor: Joshua Benoliel



Enchendo as dornas, Região do Moscatel de Setúbal, década de 50 do século XX. Instituto da Vinha e do Vinho.
Autor: Joshua Benoliel



Pesando as uvas, Palmela, 1945. Instituto da Vinha e do Vinho.
Autor: Ruy Salgado



Paragem para descanso, Palmela, 1945. Instituto da Vinha e do Vinho.
Autor: Ruy Salgado



Chegada à adega, Palmela, 1945. Instituto da Vinha e do Vinho.
Autor: Ruy Salgado



Visita do Ministro da Agricultura, Henrique Linhares Lima à Região do Moscatel de Setúbal, acompanhado da 1.ª Comissão de Vitivinicultura, 1932. Instituto da Vinha e do Vinho.
Autor: não identificado



Américo Tomás visita a Região do Moscatel de Setúbal, anos 60, do século XX. Instituto da Vinha e do Vinho.
Autor: não identificado.